

Análise histórica sobre o desenvolvimento da Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola, Moçambique e Etiópia

Roberto Lopes dos Santos Junior

Doutor; Universidade Federal do Pará;
bobblopes@hotmail.com

Resumo: Este estudo constitui-se numa análise histórica, a partir de levantamento bibliográfico e revisão de literatura em fontes secundárias, sobre o desenvolvimento e principais características dos campos em Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola, Moçambique e Etiópia, entre a segunda metade dos anos 1970 até os primeiros anos do século XXI. A pesquisa objetivou identificar como essas disciplinas foram desenvolvidas nos três países africanos que tiveram maior relação com o antigo bloco comunista. O artigo inicialmente apresentou breve pano de fundo sobre o surgimento de Angola, Moçambique e Etiópia no cenário internacional a partir de meados dos anos 1970. Posteriormente, analisou a relação entre a Biblioteconomia e Ciência da Informação dessas nações com o bloco socialista e os países ocidentais, e, por fim, apresentou a evolução dessas áreas nos três países, discutindo separadamente cada cenário. A pesquisa identificou que os campos em Biblioteconomia e Ciência da Informação angolano, moçambicano e etíope se consolidaram, apesar de décadas de guerra civil e instabilidade interna, com cursos e bibliotecas públicas e privadas em atividade.

Palavras-chave: Biblioteconomia. Ciência da Informação. Angola. Moçambique. Etiópia.

1 Introdução

As origens e evolução da Ciência da Informação no antigo bloco comunista visualizam-se com o desenvolvimento dos setores em bibliotecas e documentação nas primeiras décadas de existência da União Soviética. Naquele país, nos anos 1950, o sistema de informação científica, e na década de 1960, a disciplina *Informatika* (denominação dada pelos soviéticos para a ciência da informação no país) estavam consolidados (SANTOS JUNIOR; PINHEIRO, 2010).

Práticas e ideias produzidas por organismos e autores soviéticos seriam assimiladas, ou melhor, impostas, em diferentes países ligados a sua esfera de influência, seja no leste europeu, a partir dos anos 1950, ou em Cuba na década seguinte (SANTOS JUNIOR; PINHEIRO, 2010; SANTOS JUNIOR, 2013).

A partir dos anos 1970, um (pretenso) novo local de troca de informações ligadas ao bloco socialista apareceria na África, mais especificamente em “países de orientação socialista”, recém-independentes, que buscaram, em seus primeiros anos, suporte e ajuda da União Soviética e Cuba para com seus campos em informação e bibliotecas.

Três desses países teriam, por quase 15 anos, de diferentes formas, relação com o campo informacional comunista. De um lado, Angola e Moçambique, que, com suas independências, encerravam o domínio de um dos últimos impérios coloniais existentes, o português; e, de outro, a Etiópia, que com um golpe militar terminava com uma monarquia de longa duração existente no país. Essas três nações teriam relativa importância estratégica na segunda metade dos anos 1970, atraindo atenção e iniciativas por parte tanto dos EUA quanto da URSS.

Os campos de Biblioteconomia e informação nesses países, entrando em uma nova (porém instável) fase, buscaram diferentes contatos e caminhos para o desenvolvimento dessas disciplinas, pedindo suporte, entre outros locais, ao bloco comunista.

Alguns questionamentos surgiram a partir da escolha e análise desses países como objeto de estudo: até que ponto o cenário biblioteconômico e informacional angolano, moçambicano e etíope mantiveram vínculo com os países socialistas? De que forma esses vínculos influenciaram no desenvolvimento dessas áreas nos países analisados? Como as três nações, após a independência (no caso de Angola e Moçambique), ou da mudança de regime político (no caso etíope), se adaptaram a essa nova realidade em suas bibliotecas e instituições de ensino?

Estimulada por esses questionamentos, e também pela escassa produção na bibliografia brasileira sobre o desenvolvimento do campo informacional na África, a presente pesquisa analisou o desenvolvimento dos campos em Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola, Moçambique e Etiópia entre a segunda metade dos anos 1970 até os primeiros anos do século XXI. O trabalho identificou como

essas disciplinas foram desenvolvidas nos três países africanos que tiveram maior relação com o bloco socialista, além de apresentar suas principais características.

A pesquisa, de caráter histórico, baseou-se no levantamento bibliográfico e revisão de literatura em fontes secundárias, focado em periódicos, teses/dissertações e comunicações no âmbito brasileiro, norte-americano e europeu. A partir desse levantamento, foram separados e analisados trabalhos que, de diferentes maneiras, realizaram estudos sobre o desenvolvimento dos campos em informação e Biblioteconomia em Angola, Moçambique e Etiópia.

O artigo inicialmente apresenta um breve pano de fundo sobre o surgimento de Angola, Moçambique e Etiópia no cenário internacional a partir de meados dos anos 1970. Posteriormente analisou como se deu a relação entre a biblioteconomia e ciência da informação dessas nações com o bloco socialista e com os países ocidentais, e, por fim, foi feita análise sobre a evolução dessas áreas nos três países, discutindo separadamente cada cenário.

2 Independência, socialismo e globalização: breve histórico de Angola, Moçambique e Etiópia a partir dos anos 1970

Após 1945, o término da segunda guerra mundial e o enfraquecimento de antigos impérios coloniais como Inglaterra, França, Holanda, Bélgica e, posteriormente, Portugal, permitiram que movimentos nacionalistas, inicialmente de alcance limitado dentro de seus países, imprimissem o fim do domínio europeu no continente – o que se daria de forma gradativa, mais especificamente a partir de meados dos anos 1950, em consolidação com a independência de Gana (1957), a primeira entre várias que iriam ocorrer no continente nas décadas seguintes (THIAM; MULIRA; WONDJI, 2010).

A partir dos anos 1970, na esteira do colapso final do império português (entre 1974-1975) e de processos de independência localizados, surgia uma nova fase de descolonização na África, dessa vez com a participação um pouco mais ativa da URSS e Cuba no decorrer dos processos. Guiné Bissau (1975), Benin (1975), Madagascar (1976), e Rodésia do Sul (1979) foram exemplos de países africanos que se autoproclamaram “socialistas” ou “marxista-leninistas”, adotando regimes de

partido único e medidas centralizadoras no campo econômico. Porém, logo esses países teriam vínculos limitados com a URSS, possuindo pouca relação econômica, cultural ou tecnológica (THIAM; MULIRA; WONDJI, 2010).

Três exceções, entretanto, não só envolveriam forças estadunidenses, soviéticas e cubanas na região, mas fariam da África um dos últimos campos de batalha da guerra fria.

Angola, independente a partir de novembro de 1975, teria uma complexa relação de forças entre o Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), de posição política de esquerda e com apoio cubano e soviético, a União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA) e a Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), ambos recebendo apoio militar e logístico dos EUA e África do Sul. Os três organismos, em atividade desde os anos 1960, rapidamente entraram em uma violenta guerra civil, e a ascensão e consolidação do MPLA ao poder e sua sobrevivência política e militar em violentas batalhas como, por exemplo, em *Cuito Cuanavale* (1987-88), deveu-se a participação maciça de tropas cubanas nesses embates. Apesar de um cessar fogo e da retirada de tropas estrangeiras em 1989, a guerra civil só seria encerrada definitivamente em 2002, com a morte do líder da UNITA, Jonas Savimbi. Essas décadas de conflito deixaram grande custo financeiro e social ao país, visíveis até os dias de hoje (BROWN, 2011; PRIESTLAND, 2012; VISENTINI, 2012).

Já Moçambique, independente em junho de 1975, também entraria em um violento, por vezes brutal e fratricida, conflito interno entre forças – também existentes desde a década anterior – da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), apoiada por Cuba e URSS, e da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), apoiada pela África do Sul; guerra civil essa que durou de 1977 a 1992. Porém, diferente de Angola, Moçambique encontraria uma relação tensa com seus aliados comunistas, que apoiavam de forma tímida as iniciativas do país para a erradicação do analfabetismo e seus projetos de infraestrutura. Anos antes das primeiras eleições multipartidárias no país, em 1994, a FRELIMO, atualmente no poder, já buscava apoio e investimentos fora do bloco comunista (sendo um dos poucos países membro tanto do Fundo Monetário Internacional quanto do Conselho para Assistência Econômica Mútua¹) (BROWN, 2011;

PRIESTLAND, 2012; VISENTINI, 2012).

Por fim, a Etiópia mostraria um caminho diferenciado de seus colegas lusófonos. O regime socialista no país ascenderia em 1974, após uma longa crise econômica que ocasionou a queda do imperador Haile Selassie I, regime esse representado pelo partido (ou junta militar) Derg e que, após um complexo e, por vezes, violento período de indefinição sobre qual direcionamento político seguir, teria sua conclusão com a ascensão do oficial Mengistu Haile Mariam ao poder em fevereiro de 1977. A partir de então, o país, que fazia um complexo jogo de interesses políticos entre os EUA e URSS, adotaria a ortodoxia soviética como principal direcionamento (chegando a ser proclamada, em 1987, a República Democrática Popular da Etiópia, de curta existência). Como em Angola, tropas cubanas teriam importante papel na manutenção do regime durante a guerra com a vizinha Somália entre 1977 e 1978. Apesar de alguns projetos sociais e de infraestrutura promovidos, o regime de Mariam pouco fez para diminuir a brutal e incruenta guerra civil que existia no país desde 1974, e realizou projetos equivocados que trariam fome, miséria e desastres políticos e militares no país – como a que tentou, sem sucesso, evitar a independência da Eritreia, e que ocasionou, além da perda de apoio do bloco comunista, a queda do regime socialista em maio de 1991 (BROWN, 2011; PRIESTLAND, 2012; VISENTINI, 2012).

3 A relação da Ciência da Informação e Biblioteconomia moçambicana, angolana e etíope com o bloco comunista e os países ocidentais

Como será discutido nas subseções seguintes, os campos de ensino em Biblioteconomia e, em menor medida, relacionados à informação existiam, de forma limitada e localizada, em Angola e Moçambique antes da independência, e na Etiópia, anterior a ascensão do regime socialista. Contudo, a entrada desses países em uma nova realidade política, econômica e social, além da instabilidade e violentos conflitos internos, apresentou duas questões que se mostraram importantes para a continuidade dessas disciplinas: como formar uma nova geração de pesquisadores e profissionais ligados às bibliotecas e informação a despeito dos

problemas existentes? Como manter e estimular projetos de construção de novas bibliotecas e centros de documentação, sendo esses países carentes de recursos, material e mão de obra disponível?

A primeira resposta a essas questões, nos primeiros anos de governo nos três regimes, veio do então bloco socialista, mais especificamente da União Soviética e de Cuba, de onde foram buscados patrocínio e especialização de seus profissionais. Contudo, informações sobre como os soviéticos e cubanos investiram em bibliotecas e centros de informação nesses países mostram-se escassas e obscuras. Chernyi (2005) apresenta, vagamente e sem dados aprofundados, que o principal organismo em informação da URSS, o Instituto Estatal de Informação Científica e Técnica (VINITI), chegou a enviar observadores, principalmente para Angola e Moçambique, durante os anos 1970 e 1980. Do lado cubano, a partir da segunda metade dos anos 1970, o país participou de projetos em conjunto com Angola, Moçambique e Etiópia, enviando material e profissionais para as bibliotecas desses países – projetos que teriam sucesso limitado, sendo encerrados no final da década seguinte (SANTOS; HIDALGO, 2012).

Registra-se também a ida de diferentes profissionais e estudantes desses países a institutos soviéticos e, em menor medida, cubanos. Tais profissionais e estudantes buscavam renovação teórica e prática e maior especialização em áreas ligadas a Biblioteconomia e *Informatika*.

Além de cursos relacionados à Universidade de Amizade dos Povos Patrice Lumumba, em Moscou, citam-se também o Instituto para a Qualificação de Profissionais da Informação (IPKIR), instituído em 1971, e o Instituto Krupskaya de cultura de Leningrado (atualmente Academia de Cultura de São Petersburgo) (RICHARDS, 1992, 1998; SANTOS JUNIOR; PINHEIRO, 2010). Os três organismos receberam centenas de estudantes, principalmente etíopes e angolanos, por toda a década de 1980, sendo que muitos dos que retornaram a seus países de origem teriam importância na reorganização e manutenção das bibliotecas ou em projetos e cursos ligados a Ciência da Informação e Biblioteconomia. Com o fim da URSS, boa parte desses cursos de âmbito internacional ou foram extintos ou, como no caso dos do IPKIR e da Universidade de Amizade dos Povos, diminuíram de forma drástica sua atuação (SANTOS JUNIOR; PINHEIRO, 2010).

A relação desses estudantes com o sistema soviético, e posteriormente com a Rússia pós-comunista, entretanto, mostrou-se ambígua e tensa. Levantamentos realizados por Boltovskaya (2010) e Bondarenko (2010, 2012, 2013) sobre imigrantes africanos (inclusive angolanos e etíopes), focados em estudantes de ensino superior que realizaram estudos no país, identificam muitos deles divididos em relação à atitude contraditória da população soviética, que misturava um tratamento cordial com posturas agressivas e distantes, e que, após 1991, descambariam para um racismo aberto e violento, sendo que, além de alguns estudantes sofrerem agressões de neonazistas russos, vários não esconderiam ressentimento com o corte dos vínculos políticos e econômicos da Rússia com a África.

Contudo, ainda durante os anos 1980, os três países, em especial Moçambique, já abriam espaço em seus cursos e bibliotecas para projetos e convênios com nações capitalistas e organismos ocidentais. O Brasil, desde 1975, manteria relações com os campos em Ciência da Informação e Biblioteconomia em Angola e Moçambique, sendo que vários profissionais ligados a arquivos, museus e bibliotecas públicos e privados dessas nações fariam mestrados e doutorados promovidos por diferentes programas de pós-graduação no país (SAUNDERS; SAUNDERS, 1994).

4 Os campos de Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola

Apesar de haverem registros sobre a existência de bibliotecas em Angola a partir do século XVIII, foi na primeira metade do século XIX, em cidades como Luanda, Benguela e Novo Redondo, que houve a consolidação de considerável número de bibliotecas particulares, muitas delas ligadas a igreja católica ou a maçonaria, com destaque para as de Manoel Patrício Correia de Castro e Bernardino de Silva Guimarães, que tinham seus acervos abertos e utilizados tanto pelos colonos portugueses como pela população nativa. Outro importante marco ocorreu em 1845, com a publicação do primeiro periódico no país, o Boletín Oficial de Angola, que permitiu o conhecimento por parte da população angolana dos livros produzidos no Brasil e Portugal, o que permitiu a troca e intercâmbio de material

entre os três países nas décadas seguintes, consolidando a criação da Biblioteca Municipal de Luanda, em 1873 (PACHECO, 2000).

Somente em meados do século XX, com movimentos organizados e produzidos por líderes políticos e intelectuais – como, por exemplo, a campanha “vamos conhecer Angola” (1948), que estimulava projetos contra o analfabetismo e a favor da leitura de livros de autores regionais –, que o governo português institucionalizou (esparcos) cursos em bibliotecas no país durante os anos 1960 e criou a Biblioteca Nacional de Angola em 1969. Em 1974, nos momentos finais do domínio português no país, havia 34 bibliotecas públicas em atividade (BRITCHA, 2012, 2013; VAN-DUNEN, 1985).

O governo angolano, entre 1975 e 1980, realizou considerável reorganização estrutural tanto nas bibliotecas públicas como nos cursos e institutos em Biblioteconomia no país, centralizados na então Universidade de Angola, renomeada em 1985 para Universidade Agostinho Neto, em Luanda. Tanto o Arquivo quanto a Biblioteca Nacional entraram em um longo período de reestruturação, tendo que substituir diversos profissionais que migraram para Portugal, cargos parcialmente ocupados por cubanos e, nos anos 1980, por angolanos que faziam cursos de especialização ou em Angola ou na URSS e Cuba (RICHARDS, 1992; SAUNDERS; SAUNDERS, 1994; FRANCISCO, 2013).

Em 1977, era instituído o Departamento Nacional de Bibliotecas Angolanas, que teve como missão interligar práticas e iniciativas entre as bibliotecas do país e estimular a cooperação com setores ligados aos arquivos e museus (VAN-DUNEN, 1985).

Apesar do contato com profissionais e instituições ligados ao bloco comunista e da utilização de metodologias de cunho marxista na organização de seus acervos, Angola manteve-se aberta ao auxílio de organismos ocidentais, como, por exemplo, a UNESCO, que a partir de 1979 iniciava um amplo projeto de reorganização das bibliotecas e centros de documentação do país em conjunto com diferentes ministérios angolanos (SAUNDERS; SAUNDERS, 1994).

Em 1990, a Biblioteconomia angolana começava a substituir os laços existentes com o bloco socialista para participar de projetos ligados a distribuição de livros, periódicos e documentos entre diversos países africanos, muitos deles

patrocinados ou implementados por organismos norte-americanos, como, por exemplo, a Associação Americana para o Desenvolvimento da Ciência. Europa ocidental, Brasil e países da Ásia também apresentariam pesquisas e projetos com Angola durante os anos 1990 (SAUNDERS; SAUNDERS, 1994; FRANCISCO, 2013).

Nos primeiros anos do século XXI, Angola faria tímidas iniciativas tentando se inserir na “era da informação”. Fóruns promovidos pelo governo entre 2000 e 2005, reunindo profissionais ligados à Comunicação, Biblioteconomia e Documentação, propuseram a implementação de estratégias para as Tecnologias de Informação (TIC) angolanas no período 2000/2010, além de resultar na publicação, em 2002, do Livro Branco sobre a Política das Telecomunicações em Angola, e da instituição, em 2004, da Comissão Nacional da Informação (CNTI) (APARÍCIO, 2006).

Contudo, os resultados práticos dessas iniciativas, devido a diferentes fatores internos, mostraram-se limitados. Angola, em 2012, ainda tentava transferir grande parte de seu complexo comunicacional do sistema analógico para o digital, e tentava estipular o surgimento de cursos de educação à distância, inexistentes até então (PATROCÍNIO et. al., 2012).

5 Os campos de Biblioteconomia e Ciência da Informação em Moçambique

Até sua independência, em 1975, os acervos documentais moçambicanos encontravam-se em situação de dispersão, com apenas oito cidades possuindo bibliotecas públicas, e praticamente nenhuma legislação proposta por Portugal para a organização e manutenção dos mesmos. A própria Biblioteca Nacional de Moçambique seria instituída, com dificuldade, somente em 1961, e cursos em biblioteconomia encontravam-se apenas em turmas de curta duração em instituições isoladas no país (SAUNDERS; SAUNDERS, 1994).

Se por um lado os primeiros anos de independência trouxeram esperança de uma expansão das bibliotecas e arquivos, e também de novas leis e cursos para as universidades moçambicanas, por outro trouxeram algumas frustrações e problemas. Tanto a Biblioteca quanto o Arquivo Nacional de Moçambique ficariam fechados

entre 1975 e 1979 devido à fuga de profissionais e ao recrudescimento da guerra civil no país, retornando as atividades, de forma gradativa, durante a primeira metade da década seguinte (SAUNDERS; SAUNDERS, 1994).

Cita-se a consolidação do curso de Biblioteconomia e Documentação na Universidade Eduardo Mondlane, na capital Maputo, na primeira metade dos anos 1980, e projetos de automação de algumas bibliotecas do país em conjunto com programadores e pesquisadores cubanos, além da definição da atuação profissional dos bibliotecários e documentalistas, sendo que ambas as iniciativas tiveram sucesso apenas limitado e localizado (MANGUE; CRIVELLARI, 2006; MANGUE, 2007). Apesar de uma relação amistosa inicial com a União Soviética e Cuba, com a ida de dezenas de bibliotecários para cursos nesses países a partir do final da década de 1970, em meados da década seguinte, por diferentes fatores, o governo moçambicano mostraria decepção pelos investimentos limitados desses países (envolvidos de forma mais enfática em Angola e Etiópia), cujos governos, de Samora Machel e, após 1986, de Joaquim Chissano, buscaram convênio em projetos com organismos ligados a ONU, ao Fundo Monetário Internacional, e a Comunidade das Nações Britânica. Contudo, a continuidade da guerra civil limitou investimentos advindos do ocidente (VISENTINI, 2012; SAUNDERS; SAUNDERS, 1994).

A partir da segunda metade dos anos 1990, tentou-se a criação e estabelecimento de uma associação e conselho reunindo bibliotecários, arquivistas e profissionais da informação em Moçambique, o que se mostrou infrutífero devido à indefinição sobre os limites e características presentes na biblioteconomia, arquivologia e ciência da informação no país. Contudo, essas discussões permitiram a formação do Instituto Médio de Ciências Documentais – CIDOC em 1998, que permitiu a criação de cursos em conjunto entre essas áreas, e a realização de congressos, encontros e simpósios reunindo profissionais e pesquisadores das três disciplinas entre 2003 e 2008 (ISSAK, 2009).

Um dos principais projetos aprovados no país no início do século XXI, a Política de Informática (e-gov), aprovada pelo Conselho de Ministros através da Resolução 28, de 12 de dezembro de 2000, constituiu no instrumento através do qual Moçambique apresentou sua proposta para a integração do país na chamada

Sociedade da Informação. Com base nessa política, em 2002, foi implantado pelo ministério em Ciência e Tecnologia, a Estratégia de Implementação da Política de Informática. Segundo essa estratégia, Unidades Móveis de TICs (UMTIC) e Centros Provinciais de Recursos Digitais (CPRDs) seriam instalados em grande parte do território moçambicano. Estes avanços ampliaram o acesso da população às novas tecnologias da informação. Em 2010, contudo, somente oito cidades possuíam uma UMTIC ou CPRDs (ALI, 2011; DIAS, PINHEIRO, 2012).

Planos quinquenais promulgados entre 2000 e 2009, que em seu escopo pregavam a necessidade de iniciativas ligadas ao “direito do povo à informação” e o “alargamento do grau de disseminação da informação”, apesar de manterem os investimentos nesses programas de informatização, pouco fizeram para a expansão ou aprimoramento dos mesmos (NHARRELUGA, 2009).

Cita-se também entre esses planos a adoção da Política Nacional de Gestão de Documentos e Arquivos, implantada de forma incompleta e irregular entre 2001 e 2005, e tentativas descontínuas, a partir de 2005, de aperfeiçoamento do Centro de Documentação e Informação de Moçambique (Cedimo), que seriam mantidas, sem grandes sucessos, nos anos seguintes (NHARRELUGA, 2006, 2009).

6 Os campos de Biblioteconomia e Ciência da Informação na Etiópia

Os primeiros registros de bibliotecas ou coleções de livros existentes na Etiópia datam dos séculos XVI e XVII, com destaque para os acervos dos imperadores Gelawdewos (c.1521-1559), Yohannes I (? – 1682), Iyasu I(? – 1706) e Téwodros II (c.1818-1868), conhecidos por armazenarem grande número de títulos em diferentes idiomas (OURGAY, 1991). Porém, somente na primeira metade dos anos 1930, sob estímulo do imperador Haile Selassie I (1892-1975), que surgiram as primeiras bibliotecas públicas na Etiópia, indiretamente estimuladas pela invasão e domínio italiano do país entre 1936 e 1941, e continuadas nas décadas seguintes (GUPTA, 1995).

Os primeiros cursos, de curta duração, relacionados à biblioteconomia ocorreram entre 1959 e 1964, organizados e patrocinados pelo Ministério de Educação e Artes e pela Biblioteca Nacional Etíope. Alguns alunos formados nesses

cursos chegariam a realizar pós-graduação fora do país (GUPTA, 1993).

Durante os anos 1960, com a consolidação de cerca de oitenta bibliotecas em atividade com o suporte da UNESCO (em especial pelo pesquisador estadunidense William B. Patton), e de investimentos localizados feitos por organismos norte-americanos e soviéticos, era estruturado um currículo para a formação dos profissionais bibliotecários na Etiópia, consolidado pela criação do primeiro curso em biblioteconomia, em 1969, na universidade Haile Selassie (posteriormente Addis Ababa). O alcance desse curso em seus primeiros anos, contudo, mostrou-se limitado, com um corpo discente pequeno e disperso (GUPTA, 1993; 1995).

Entre 1974-1976, uma nova estrutura e novas prioridades foram estabelecidas para a Biblioteca Nacional da Etiópia, sendo que o organismo tentaria dar suporte não somente às bibliotecas públicas existentes no país, mas também ao Arquivo Nacional e aos Museus etíopes, que se encontravam em um período de reorganização e certa confusão administrativa, com perda de recursos e danos estruturais devido aos conflitos internos que ocorriam na Etiópia (NORDSTROM, 1995).

Com os programas pelo fim do analfabetismo ocorridos entre 1979 e 1982, e pelo aumento do número de livros publicados no país, o governo etíope estimulou a construção de bibliotecas, que, apesar de irregulares, continuaram nas décadas seguintes (VISENTINI, 2012; GUPTA, 1995). Em 2008, a capital Addis Ababa possuía cerca de 100 bibliotecas em atividade, sendo algumas ligadas a universidades e centros de pesquisa e em funcionamento 24 horas. Contudo, pesquisas indicam que o longo período de conflitos e crises sociais deixaram suas marcas, com várias dessas bibliotecas com acervos reduzidos, sérios problemas estruturais, pouca visitação da população local e baixa automação (PAIVA, 2008; ASSELIN; DOIRON, 2009).

A partir de 1977, o recém-empossado governo de Mengistu Haile Mariam impôs mudanças no currículo em biblioteconomia no país, e estimulou o envio de dezenas de estudantes e profissionais para cursos na URSS, Cuba e Leste Europeu (GUPTA, 1995).

Em 1987, o curso de bacharelado em Biblioteconomia e Ciência da Informação era consolidado na Universidade Addis Ababa. Entre 1989 e 1990, com

o suporte da UNESCO e (em menor medida) da URSS, instituía-se o primeiro mestrado em Ciência da Informação na Etiópia, que em seus primeiros anos recebeu estudantes de mais de 15 países africanos. Porém, a instabilidade política ocorrida por grande parte dos anos 1990, que derrubou o regime socialista em 1991 e ocasionou a independência da Eritreia em 1993, também seria sentida nos cursos de Biblioteconomia e Ciência da Informação no país. Durante quase toda essa década, os cursos funcionariam com caráter irregular, com mudanças curriculares e regimentais meramente ilustrativas, sem alteração ou utilização prática (GUPTA, 1995; MAMMO, 2011).

Outra problemática que ocorreria nesses anos seria uma “crise de identidade” dos cursos em Biblioteconomia e Ciência da Informação no país, visualizada em dois principais aspectos.

O primeiro relacionava-se com qual vertente de pesquisa a Biblioteconomia e Ciência da Informação etíopes deveriam seguir, se a relacionada à corrente soviética, que aparecia de forma considerável nos currículos de 1987 e 1988, ou a ligada aos EUA e a Europa ocidental. Após anos de intensa discussão, a partir da primeira década dos anos 2000, a vertente “ocidental” seria a vencedora desse embate, com ideias e obras de autores norte-americanos, ingleses e franceses sendo as preponderantes nas faculdades da Etiópia (GOJEH; BAYISSA, 2008; MAMMO, 2011).

O segundo relacionou-se a certa confusão terminológica, onde os termos “gestão do conhecimento”, “estudos de informação” e “sistemas de informação”, inseridos sem muita discussão ou critério, chegariam a substituir os cursos em Biblioteconomia e Ciência da Informação em 2002, causando descontentamento, protestos e dúvidas sobre quais os limites e características que permeariam as áreas da Biblioteconomia, Ciência da Informação, Informática e Administração (GOJEH; BAYISSA, 2008; MAMMO, 2011).

Essa situação seria parcialmente resolvida com a implantação de cursos em Biblioteconomia e Ciência da Informação nas cidades de Jimma (2006) e Haramaya (2008), além da reforma curricular de 2009, revogando as mudanças ocorridas anteriormente e reutilizando a nomenclatura Biblioteconomia e Ciência da Informação nos cursos do país (MAMMO, 2011).

7 Considerações finais

A presente pesquisa fez breve estudo histórico sobre o desenvolvimento dos campos em Biblioteconomia e Ciência da Informação em Angola, Moçambique e Etiópia.

Primeiramente, percebe-se que as disciplinas nesses três países tiveram que se adaptar, a duras penas, a uma realidade marcada por profundas crises políticas e sociais e décadas de violentos conflitos internos, que deixaram cicatrizes, algumas profundas, influenciando o desenvolvimento errático e instável dessas disciplinas, além da inserção incompleta e superficial dessas nações a chamada “era da informação”, na qual todos os três países entraram no século XXI com projetos, regimentos e iniciativas, mas com poucos resultados práticos nos setores de Ciência e Tecnologia.

Outro aspecto percebido é que, apesar da existente relação entre a Biblioteconomia e Ciência da Informação dessas nações com a URSS e Cuba – o que ajudou parcialmente a manutenção das disciplinas nesses países –, a mesma se mostrou insuficiente para maiores progressos, o que é em parte explicado pela já citada instabilidade interna dessas nações, mas também pelo papel que os países “socialistas” africanos exerceriam na política externa soviética: durante os anos 1980, o governo da URSS mostraria ceticismo no que concerne o potencial estratégico dessa região, o que ocasionou desencanto e afastamento do antigo bloco socialista em relação a África no final dessa década.

Os governos de Angola, Moçambique e Etiópia, de forma amarga, descobriram rapidamente seu obscuro papel entre as nações socialistas e desde o final dos anos 1970 buscaram se inserir em projetos realizados pela UNESCO, que teve importante papel na reorganização das bibliotecas dos três países, e por nações ocidentais, como os EUA; tendência que evitou que o leque de relações ficasse restrito ao bloco comunista, que se dissolveu entre 1989 e 1991.

Porém, apesar de todos os problemas, o campo da Biblioteconomia e Ciência da Informação angolano, moçambicano e etíope sobreviveram às décadas de guerra e instabilidade, mantendo cursos e bibliotecas públicas e privadas em atividade,

além de projetos de cooperação na área de Ciência e Tecnologia com diferentes países africanos, europeus e latino americanos. Apesar das feridas, os campos de Informação e Bibliotecas nessas nações continuam em funcionamento, sendo percebido também que um longo caminho deverá ser trilhado por essas áreas nessa região, onde os escopos teórico e prático das disciplinas somente nos últimos anos começaram a obter uma identidade angolana, moçambicana e etíope.

Referências

ALI, Momade Amisse. **Bibliotecas públicas e construção da cidadania: desafios no âmbito da Sociedade da Informação em Moçambique**. 2011. 240 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) –Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

APARÍCIO, Maria Alexandra Miranda. **A sociedade da informação: perspectiva para Angola**. 2006. 272 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

ASSELIN, M.; DOIRON, R. Supporting literacy in Ethiopia through libraries and reading rooms. **The Bookmark**, Santa Clarita, v. 49, n. 111, p. 7-11, 2009.

BOLTOVSKAYA, S. African communities in Moscow and St. Petersburg – issues of inclusion and exclusion. In: GDANIEC, Cordula. (Ed.). **Cultural diversity in Russian cities: the urban landscape in the post-soviet era**. Londres: Berghahn Books, 2010. p. 94–114.

BONDARENKO, D. M. African migrants in post-soviet Moscow: adaptation in the time of radical socio-political transformations. In: **AFRICAN AMERICAN STUDIES PROGRAM**, Boston, 2013. Disponível em: <https://www.academia.edu/4907310/African_Migrants_in_Post-Soviet_Moscow_Adaptation_in_the_Time_of_Radical_Socio-Political_Transformations>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BONDARENKO, D. M. In the red banner's shade: the image of post-soviet Russia in Africa. **Africa Review**, New Delhi, v. 2, n. 1, p. 1-14, 2010.

BONDARENKO, D. M. The image of Russia in Africa: the soviet legacy's role. In: **IBERIAN CONGRESS OF AFRICAN STUDIES**, 8., 2012, Madrid. **Proceedings...** Madri, 2012. Disponível em: <[http://www.ciea8.org/ocs/index.php?conference=CIEA2012&schedConf=pan14&page=paper&op=view&path\[\]=28](http://www.ciea8.org/ocs/index.php?conference=CIEA2012&schedConf=pan14&page=paper&op=view&path[]=28)>. Acesso em: 23 abr. 2014.

BRICHTA, L. **A bem da nação: literatura, associativismo e educação no Brasil e em Angola (1930-1961)**. 2012. 273 f. Tese (Doutorado em História) - Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2012.

BRITCHA, L. Reflexões sobre educação e cultura hegemônica em Angola e no Brasil nos meados do século XX. **Revista Dialética**, Salvador, v. 4, n. 4, p. 48-57, mar. 2013.

BROWN, A. **The rise and fall of communism**. Nova York: Ecco Books, 2011.

CHERNYI, A. I. **Российская академия наук - Всероссийский институт научной и технической информации**. Moscou: Nauka VINITI, 2005. Disponível em:
<<http://www.viniti.ru/download/russian/VINITI.50.Year.2005.pdf>>. Acesso em: 29 nov. 2013.

DIAS, A.; PINHEIRO, M. M. K. Política del gobierno electrónico en Mozambique: una mirada desde la perspectiva de una cultura de la información. **Informação e Informação**, Londrina, v. 17, n. 1, p. 60-77, 2012.

FRANCISCO, Alberto André Carvalho. **A política externa de Angola durante a Guerra Fria (1975-1992)**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Relações Internacionais) – Programa de Pós-graduação em Relações Internacionais, Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

GOJEH, L. A.; BAYISSA, G. Library and Information Science education in Ethiopia. **Ethiopian Journal of Education and Sciences**, Jimma, v. 4, n. 1, p. 121-128, 2008.

GUPTA, S. Development of libraries, documentation and information centers in Ethiopia in the twentieth century. **International Information & Library Review**, Kent, v. 27, n. 4, p. 317-331, Dec. 1995.

GUPTA, S. Development of the library profession and education in Ethiopia. **International Information & Library Review**, Kent, v. 25, n. 1, p. 73-83, 1993.

ISSAK, A. M. Associações de bibliotecários e profissionais de informação nos PALOP: porquê e para quê? In: **Mesa Redonda “O papel das associações de bibliotecários e profissionais da informação na valorização e desenvolvimento da profissão”**, 2009, Luanda. Disponível em:
<<http://www.saber.ac.mz/bitstream/10857/1675/1/Associa%C3%A7%C3%B5es%20Bibliotec%C3%A1rios.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2014.

MAMMO, Y. Rebirth of library and information science education in Ethiopia:

retrospectives and prospectives. **The International Information & Library Review**, Kent, v. 43, n. 2, p. 110-120, Jun. 2011.

MANGUE, M. V. **Consolidação do processo de informatização em Sistemas de Bibliotecas Universitárias na África do Sul, Brasil e Moçambique**. 2007. 307 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em Ciência da Informação, Escola de Ciência da Informação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2007.

MANGUE, M. V.; CRIVELLARI, H. Informatização e organização do trabalho em bibliotecas universitárias: estudo comparado entre Brasil, Moçambique e África do Sul. **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. especial VI ENANCIB, p. 147-163, 2006.

NHARRELUGA, R. S. **A dimensão informacional do estado moçambicano a luz dos programas governamentais. Ponto de Acesso**, Salvador, v. 3, n. 1, p. 34-45, 2009.

NHARRELUGA, R. S. **Governo eletrônico em Moçambique: uma reflexão sobre políticas públicas de informação**. 2006. 213 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Programa de Pós-graduação em ciência da Informação, Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.

NORDSTROM, G. Libraries in Ethiopia: a review of recent literature. **World Libraries**, River Forest, v. 5, n. 2, 1995. Disponível em: <http://www.worlib.org/vol05no2/print/nordstrom_print.html>. Acesso em: 23 mar. 2014.

OURGAY, M. *Libraries in Ethiopia before 1900*. **International library Library Review**, Kent, v. 23, n. 4, p. 391-399, 1991.

PACHECO, C. Leituras e bibliotecas em Angola na primeira metade do século XIX. **Lócus: Revista de História, Juiz de Fora**, v. 6, n. 2, p. 21-41, jul./dez. 2000.

PAIVA, M. A quick glimpse at public and academic libraries in Addis Ababa, Ethiopia. **Against the Grain**, 2008. Disponível em: <<http://www.against-the-grain.com>>. Acesso em: 23 mar. 2014.

PATROCINIO, G. A. M. et al. Enfoque CTS sobre as tecnologias de informação e comunicação no desenvolvimento de Angola. In: SEMINÁRIO HISPANO-BRASILEIRO DE AVALIAÇÃO DAS ATIVIDADES RELACIONADAS COM CIÊNCIA, TECNOLOGIA E SOCIEDADE, 2., e JORNADA INTERNACIONAL DE ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, 3., 2012, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Universidade Cruzeiro do Sul, 2012.

PRIESTLAND, D. **A bandeira vermelha: a história do Comunismo**. São Paulo: Leya, 2012.

RICHARDS, P. S. Education for Information Science in the Soviet Union. **Annual Review of Information Science and Technology**, New Jersey, v. 27, p. 267-290, 1992.

RICHARDS, P. S. The reconfiguration of international information infrastructure assistance since 1991. **ASIS Bulletin**, Silver Spring, v. 24, n. 25, jun./jul. 1998. Disponível em: <<http://www.asis.org/Bulletin/Jun-98/richards.html>>. Acesso em: 30 abr.2012.

SANTOS JUNIOR, R. L. Hasta la Revolución...y información!: análise histórica sobre o desenvolvimento dos campos em biblioteconomia e ciência da Informação em Cuba (1959-2008). **Revista Ibero-Americana de Ciência da Informação**, Brasília, v. 6, n. 1, p. 86-101, 2013.

SANTOS JUNIOR, R. L. ; PINHEIRO, L. V. R. A infra-estrutura em informação científica e em ciência da informação na antiga União Soviética (1917-1991). **Encontros Bibli: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação**, Florianópolis, v. 15, n. 29, p. 24-51, 2010.

SANTOS, C. O. G.; HIDALGO, I. M. La biblioteca universitária en Cuba, periodización de su desarrollo y tendencias actuales. **ACIMED**, Ciudad de La Habana, v. 23, n. 1, p. 59-72, 2012. Disponível em: <<http://scielo.sld.cu/pdf/aci/v23n1/aci06112.pdf>>. Acesso em: 6 jun. 2013.

SAUNDERS, M. O.; SAUNDERS, E. S. Library development in lusophone Africa. **Libraries Research Publications**, paper 26, 1994. Disponível em: <http://docs.lib.purdue.edu/lib_research/26>. Acesso em: 25 abr. 2014.

THIAM, I. D.; MULIRA, J.; WONDJI, C. A África e os países socialistas. In: MAZRUI, A. A. (Ed.); WONDJI, C. (Ed.). **História geral da África: África desde 1935**. Brasília: UNESCO, 2010. p. 965-1001.

VAN-DUNEN, D. Libraries in Angola. In: KENT, Alen (Ed.). **Encyclopedia of Library and Information Science**. New York: Taylor & Francis, 1985. v. 39, p. 43-44.

VISENTINI, P. F. **As revoluções africanas: Angola, Moçambique e Etiópia**. São Paulo: UNESP, 2012.

Historical analysis about the development of Librarianship and Information Science in Angola, Mozambique and Ethiopia

Abstract: This study is a historical analysis based on the review of literature of secondary sources, identifying the development of Information Science and Librarianship in Angola, Mozambique and Ethiopia between the second half of the 1970s and the first years of the 21st century, and how these disciplines were developed in the three countries most aligned to the former communist bloc. This work initially made a historical analysis of the origins of Angola, Mozambique and Ethiopia's appearance in the world scenario in the mid-seventies. Afterwards, this research discusses the relationship of the Librarianship and Information Science scene in Angola, Mozambique and Ethiopia with the socialist bloc and Western countries, and the evolution of the disciplines in these three countries in a separated way. This research found that, despite the problems suffered by these fields in Angola, Ethiopia and Mozambique, the Librarianship and Information Science scenes in these countries present consistency in their structure, with courses and libraries in activity.

Keywords: Librarianship. Information Science. Angola. Mozambique. Ethiopia.

¹ Organismo que visava à integração econômica das nações do Leste Europeu, em atividade de 1949 a 1991.

Recebido: 17/07/2014

Aceito: 29/10/2014